Plega a nuestro redentor: a oração no Auto da Barca da Glória

Adriano Portela dos Santos¹
Márcio Ricardo Coelho Muniz²
<http://lattes.cnpq.br/5217977951806599>

83

Enviado em: 02/09/2018

Aceito em: 22/01/2019

RESUMO: O artigo analisa o *Auto da Barca da Glória* (1519), do dramaturgo Gil Vicente, a partir do tema da oração, fazendo contraponto em alguns momentos com o *Auto da Barca do Inferno* (1517), que também aborda de modo considerável o tema em questão. Buscamos observar no auto quem ora, como ora e qual o conteúdo dessa oração, para extrairmos daí o princípio teológico que orienta/organiza o auto. Com o intuito de alcançarmos nosso objetivo, recorreremos a algumas fontes do auto, nomeadamente o *Ofício dos Defuntos* e o livro bíblico de Jó. O recurso a tais fontes permitiu-nos compreender que a concepção de oração de *Auto Barca da Glória* se distingue da que está presente no *Auto da Barca do Inferno*, no que concerne à teologia, porque o primeiro se estrutura sobre a Teologia da Graça, enquanto o segundo está estruturado sobre a doutrina da retribuição.

Palavras-chave: *Auto da Barca da Glória*; Gil Vicente; Oração; Teologia.

ABSTRACT: The article analyzes the *Auto da Barca da Glória* (1519), by the playwright Gil Vicente, based on the theme of prayer, countering at times with the *Auto da Barca do Inferno* (1517), which also has considerable material on the theme in question. We seek to analyze in the self who prays, how now and what the content of this prayer, to extract from there the theological principle that guides / organizes the self. In order to reach our goal, we turn to the source of the self, namely the Office of the Dead, in which we evidence the biblical book of Job as another source to be considered. The use of such sources has allowed us to understand that the *Auto Barca da Glória* prayer conception differs from that which is present in the *Auto da Barca do Inferno*, as far as theology is concerned, because the former is structured on the Theology of Grace, while the second is structured on the doctrine of retribution.

Keywords: *Auto da Barca da Glória*; Gil Vicente; Prayer; Theology.

La pasión me librerá
de tu infernal cadena.
(*Auto da Barca da Glória*, versos 437-438)

Ay de mí
de profundis clamavi
exaudi mi oración.
(*Auto da Barca da Glória*, versos 499-501)

¹ Doutor em Literatura e Cultura (PpgLitCult / ILUFBA).
E-mail: adrportela@hotmail.com.

² Bolsista de Produtividade em Pesquisa em Nível 2 - CNPq. Professor Associado de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA). Professor Permanente do PpgLitCult/ILUFBA e ProfLetras/ILUFBA.
E-mail: marciomuniz@uol.com.br.

O *Auto da Barca da Glória* completa o ciclo vicentino estruturado a partir da doutrina dos “novíssimos” (morte, juízo, inferno, purgatório e céu) e que versa, mormente, sobre o tema da salvação. Em 1517, foi encenada o *Auto da Barca do Inferno*; em 1518, o *Auto do Purgatório*; e, por fim, o *Auto da Barca da Glória*, que foi encenada durante a semana santa de 1519. Pode-se supor que tenha sido na sexta-feira santa, dada a contínua referência à Paixão de Cristo na fala das personagens que estão sob juízo no auto. Inclusive, “Braancamp Freire propõe a data de 22 de Abril de 1519, sexta-feira de endoenças” (CARRILHO, 1993, p. 3). Todavia, se considerarmos o riso provocado pela ironia e sarcasmo da personagem Diabo, logo percebemos a pouca adequação do auto à dinâmica da sexta-feira santa, que é uma liturgia de silêncio, em contemplação à morte de Cristo.

Ernestina Carrilho indica que o aparecimento do Cristo da ressurreição na rubrica final da peça remete o auto para “dias que celebram Cristo ressuscitado”. Neste caso, poderia ser o sábado de aleluia (23 de Abril de 1519) ou o domingo de Páscoa (dia 24 de Abril de 1519). Segundo Carrilho, Pierre David e de Paulo Quintela opinam em favor do sábado de Aleluia (CARRILHO, 1993, p. 4). e nós corroboramos a tese. A liturgia do Domingo de Páscoa é uma liturgia alegre, tudo está definido pela ressurreição de Cristo. Já a liturgia do sábado de aleluia é marcada pela esperança. A expressão teológica que traduz bem a dinâmica desse dia é o “já-e-ainda-não”. Cristo morreu pela salvação do gênero humano, mas Ele ainda não ressuscitou. A humanidade está em vigília por este evento salvífico. Essa é atmosfera que encontramos em *Glória*. As personagens sabem da Paixão de Cristo e recorrem aos benefícios que daí provém. O Anjo afirma que só Cristo pode salvá-los. Todavia, Cristo é uma personagem ausente-presente, há uma expectativa em sua intervenção, uma esperança em sua vinda. Por essa razão, também somos do parecer de que *Glória* tenha sido encenada no sábado de aleluia.

Diferente de *Inferno*, que apresenta um quadro bastante diverso da sociedade portuguesa do Quinhentos, e *Purgatório*, que coloca em cena somente os humildes e simples, *Glória* foca os mais altos poderes, colocando sob juízo quatro autoridades seculares (o Conde, o Duque, o Rei e o Emperador) e quatro eclesiásticas (o Bispo, o Arcebispo, o Cardeal e o Papa). Talvez como uma resposta a alguma crítica sobre os dois outros autos, como parece indicar os versos iniciais:

Diabo: Que me digas por qué eres
tanto de los pobrecicos
baxos hombres y mujeres
déstos matas cuantos quieres
y tardan grandes y ricos.

Enel viaje primero³
m’enviaste oficiales
no fue más de un caballero⁴
y lo ál pueblo grosero
dexaste los principales.
Y vilanaje
enel segundo viaje⁵
siendo mi barco ensecado.

³ *Viaje primero: Auto da Barca do Inferno*, 1517.

⁴ *Caballero*: Fidalgo do *Auto da Barca do Inferno*.

⁵ *Segundo viaje: Auto do Purgatório*, 1518.

Ah pesar de mi linaje
los grandes de alto estado
cómo tardan en mi pasaje. (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 7-22)

Diante da provocação de Diabo, o auto segue um roteiro que repete os dois anteriores, de personagem a personagem: primeiramente, a Morte apresenta as personagens ao Diabo. Em seguida, o Diabo profere sua acusação contra os defuntos e manifesta-lhes a sentença de condenação, apresentando-lhes uma representação do inferno – segundo Carrilho, provavelmente através de um quadro existente na capela de Almeirim (CARRILHO, 1993, p. 3). Diante da condenação, as personagens reagem proferindo uma mesma lição, uma oração humilde para Deus ou para Cristo. Essa reação é diferente da que têm as personagens de *Inferno* e *Purgatório*, que sempre recorrem a frivolidades (poder, cargos, atos exteriores) e não à fé, para se salvarem da condenação.

A partir do Rei, o roteiro das cenas se enriquece com um responso, que também é uma oração. Após a lição (Conde e Duque) e o responso (demais personagens, exceto o Papa), as autoridades recorrem aos Anjos da barca da Glória para conseguirem salvação. Mas os Anjos demonstram-se impotentes em questão de salvação. Por fim, novamente as altas dignidades realizam orações, dirigindo-se a Cristo (Rei, Emperador e Bispo), a quem suplicam pelo mistério da paixão, ou à Virgem (Arcebispo, Cardeal e Papa). O roteiro do auto é concluído com a entrada inesperada do Cristo ressuscitado em cena, como um *deus ex machina*, para salvar todas as autoridades. Dessa forma, podemos resumir o auto em três grandes ações: a do Diabo e dos Anjos, que é expor o juízo divino; a das dignidades, que é suplicar em prol de um novo juízo; e a de Jesus ressuscitado, que é salvar as dignidades condenadas.

Conforme dito acima, a ação específica das personagens que estão sob juízo é a oração de súplica por um novo juízo divino. Então, analisaremos quem ora, como ora e qual o conteúdo dessa oração, para que possamos extrair daí o princípio teológico que orienta/organiza o auto. Sempre que necessário, para que fique mais compreensível, realizaremos o paralelo entre *Glória* e *Inferno*, porque nos parece que há concepções teológicas distintas entre os dois autos.

O que primeiro salta aos olhos em *Glória*, no que toca ao tema oração, é que “a *Barca da Glória*... constitui uma imensa paráfrase do Ofício de defuntos”, segundo Paul Teyssier (2005, p. 540). Esse ofício é a oração do *Breviário* destinada à súplica pela salvação dos fiéis defuntos, já que a doutrina católica romana contempla a oração dos vivos pelos mortos, diferentemente da protestante. Ao afirmar ser *Glória* “uma imensa paráfrase do Ofício dos Defuntos”, Teyssier quis evidenciar que o auto interpretou o ofício, colocando em cena a teologia e a espiritualidade dessa oração. Parece-nos que o auto dramatizou o conteúdo da fé presente no ofício. Recordemo-nos da máxima latina: *lex orandi, lex credendi* (lei da oração é a lei da fé).

A paráfrase de *Glória* ao Ofício dos Defuntos está posta na estrutura e no conteúdo do auto. O Ofício dos Defuntos é composto pelas Vésperas, Matinas (I, II e III Noturno)⁶ e Laudes. A paráfrase dá-se especificamente a partir dos três Noturnos que formam as Matinas. Os três Noturnos juntos possuem nove lições (textos bíblicos extraídos do *Livro de Jó*) e seus respectivos resposos. Essa estrutura foi utilizada por Gil Vicente na *Barca da Glória*, que apresenta uma sequência de oito “lições” e seis “resposos” às lições, bem como foram

⁶ O I Noturno era rezado aos Domingos, segundas e quintas-feiras; o II Noturno, às terças e sextas-feiras; e o III Noturno, às quartas-feiras e aos sábados.

aproveitados os conteúdos das lições do ofício (fragmentos do Livro de Jó) no auto.

José Camões (2002, p. 23-25) identificou os fragmentos do Ofício dos Defuntos parafraseados por Gil Vicente na composição do auto, como podemos ver no quadro abaixo.

Paráfrases do Ofício dos Defuntos em *Auto da Barca da Glória*

VERSOS DO <i>AUTO DA BARCA DA GLÓRIA</i>	FRAGMENTO DO OFÍCIO DOS DEFUNTOS
Versos 110-117	1ª lição do primeiro noturno (Jó 7:16-18)
186-196	3ª lição do primeiro noturno (Jó 10:11-12)
263-280	2ª lição do primeiro noturno (Jó 10:1-2)
285-291	responso à 6ª lição do segundo noturno
384-394	6ª lição do segundo noturno (Jó 14: 13 e 15)
395-401	responso à 9ª lição do terceiro noturno, ao qual se junta, no versículo 398, um versículo da 7ª lição do terceiro noturno
483-493	4ª lição do segundo noturno (Jó 13: 22-26)
494-501	responso à 4ª lição do segundo noturno, que contém em si um fragmento do Salmo 129, 1-2 (refletido nos versos 500-501 do auto).
582-590	7ª lição do terceiro noturno (Jó 17: 1-2 e 14)
591	adaptação de Jo 7: 20 que integra a 1ª lição do primeiro noturno
593-594 e 596-603	responso à 1ª lição do primeiro noturno, que é uma adaptação de Jó 19:25-27.
660-670	5ª lição do segundo noturno (Jó 14: 1-2)
671-678	responso à 7ª lição do terceiro noturno
769-772	responso à 5ª lição do segundo noturno

É importante considerarmos que “o livro de Jó é uma composição literária estritamente aparentada com o gênero dramático, cuja ação nos é apresentada numa introdução e numa conclusão em prosa que enquadram um longo poema dialogado” (*Bíblia Sagrada*, 2000, p. 29). No livro, Jó dialoga com seus amigos, que o acusam de ser o responsável pelo próprio sofrimento, mas dialoga também com Deus, seu principal interlocutor. Jó trava um longo diálogo com Deus – isto é, uma longa oração –, cuja tônica é o reconhecimento da própria fragilidade e súplica de misericórdia, muito embora insista sobre sua inocência diante de Deus. Essa postura espiritual da personagem Jó diante de Deus é aproveitada por Gil Vicente na construção das personagens de *Glória* que, assim como o livro de Jó, é uma grande oração, só que não de uma personagem apenas, mas de oito, que se deparam com o juízo divino de condenação ao padecimento eterno.

E não para por aqui o paralelismo entre o Livro de Jó e *Glória*. Conseguimos perceber outras analogias entre o livro bíblico e o auto vicentino, razão pela qual defendemos que não é suficiente dizer que *Glória* seja uma paráfrase do Ofício dos Defuntos, há que se evidenciar sua relação estreita com o livro de Jó também.

Paralelismo da ação dramática do Livro de Jó e do *Auto da Barca da Glória*

Estrutura do Livro de Jó	Estrutura do <i>Auto da Barca da Glória</i>
Satanás pede a Deus para provar o rico Jó (1:9-12)	Diabo cobra da Morte os poderosos (versos 7-22)
Diálogo de Jó com os amigos e com Eliú (3:1-37:24)	Diálogo dos condenados com o Diabo e o Anjo (versos 45-856)
Intervenção de Deus (38:1-42:17)	Intervenção do Cristo da Ressurreição (rubrica final do auto)

Uma segunda questão que se evidencia em *Glória*, acerca da oração, é que todas as oito personagens condenadas recorrem a mesma estratégia salvífica. Se compararmos com a *Barca do Inferno*, percebemos o quanto a oração ocupa mais espaço e recebe maior atenção em *Glória*. Em *Inferno*, das quatorze personagens julgadas, apenas três apresentam, recorrem ou referem-se à oração em suas tentativas de se salvar: o Fidalgo, o Sapateiro e o Frade. Algo que ajuda nessa diferença quantitativa de personagens relacionadas ao tema nos dois autos é, sem sombra de dúvidas, a própria natureza das personagens. Em *Glória*, quatro são autoridades eclesiásticas (Bispo, Arcebispo, Cardeal e Papa), em *Inferno*, apenas uma, o Frade. Isto, por si só, já favorece a representação literária relacionada à oração, posto que o ato de orar é um traço pertinente à representação de personagens eclesiásticas.

Outro dado a ser destacado em *Glória* é que as personagens não recorrem ao mérito da oração via outrem, como faz o Fidalgo em *Inferno*. As personagens de *Glória* realizam elas próprias suas orações, as quais parecem estar ancoradas na fé e não numa obrigação exterior, como soa acontecer com o Frade e o Sapateiro de *Inferno*. Encontramos em cinco personagens de *Glória* “profissões de fé”, que nos levam a inferir a crença das personagens: o Conde diz de si mesmo: “Tengo muy firme esperanza / y tuve dende la cuna / y fe sin tener mudanza” (*Barca da Glória*, versos 99-101). O Emperador suplica a Deus: “Oh libera me domine / de morte eterna contenda / en ti siempre tuve fe” (*Barca da Glória*, versos 395-397). O Bispo afirma: “Yo confío / en Jesú redentor mío / que por mí se desnudo / puestas sus llagas al frío / se clavó naquel navio / de la cruz donde espiró” (*Barca da Glória*, versos 521-526). Encontramos nos lábios do Arcebispo a mesma profissão de fé de Jó (19: 25): “Credo quod redemptor / meus vivit y lo veré” (*Barca da Glória*, versos 593-594)⁷. Por fim, o Cardeal suplica a Deus: “sancte Deus adjuva me / pues fue cristiana mi fe” (*Barca da Glória*, versos 673-674).

Em lugar algum de *Inferno* encontraremos declarações tão fervorosas das personagens quanto estas proferidas em *Glória*. Nas personagens de *Inferno* a fé não é utilizada como argumento. Elas preferem se valer de coisas exteriores, seu *status* social (Fidalgo), suas funções eclesiásticas (Frade) ou suas práticas de piedade mecanizadas (Sapateiro); nunca da fé que possuem. Talvez porque não a possuíssem.

Com distinções tão fundamentais de comportamento perante a religião, as personagens de *Inferno* e *Glória* acabam tendo destinos completamente diferentes: os primeiros, para o inferno; os segundos, para a glória.

O conteúdo teológico

As diversas orações das personagens de *Glória* manifestam um conteúdo teológico sobre o qual precisamos nos deter. Primeiramente, é preciso reafirmar aquilo que já dissemos acima: as personagens compreendem a fé como um argumento para a salvação; na verdade, não apenas como um argumento, mas como um meio de salvação. Tanto que elas não recorrem às ações que realizaram em vida, mas recordam, como já exposto aqui, a fé que possuem; bem como recorrem àquilo/Aquele em que creem, para que sejam salvas.

Nesse sentido, o Livro de Jó, fonte bíblica do auto, tem importância vital para a compreensão de *Glória*. Um dos principais ensinamentos do referido livro bíblico é que o sofrimento não é necessariamente um castigo divino, nem todo aquele (a) que sofre é culpado

⁷ “Creio que o meu redentor vive e eu o verei” (Jó 19:25).

de seus sofrimentos. Jó, um homem rico, perde seus filhos e filha, bens e saúde. Três amigos (Elifaz, Sofar e Baldad) procuram convencê-lo de que, se ele sofre, é porque pecou (*doutrina da retribuição*⁸). Mas Jó contesta essa tese religiosa, afirma sua inocência e suplica misericórdia a Deus, de quem espera a redenção (Jó 19: 25). De fato, no final do livro, Deus intervém e restitui a Jó tudo aquilo que fora perdido.

Quando a Igreja seleciona o Livro de Jó para as lições dos noturnos do Ofício dos Defuntos ela traça um paralelo entre a morte e o sofrimento humano e estabelece um paradigma para a postura da criatura humana perante a morte: humildade e fé, a mesma postura de Jó em meio aos sofrimentos experimentados. A teologia e a espiritualidade do Ofício dos Defuntos, portanto, estão desvinculadas da *doutrina da retribuição*. Ao se servir dos noturnos do Ofício dos Defuntos, cuja fonte bíblica é o Livro de Jó, Gil Vicente filia Glória a essa perspectiva teológica que faz frente à *doutrina da retribuição*.

Parece-nos que as fontes de *Glória* (Ofício dos Defuntos e o Livro de Jó) não foram escolhidas despretensiosamente pelo autor. Gil Vicente parece-nos querer discutir a questão dos méritos para a salvação. Alguns podem tecer a crítica de que Gil Vicente tenha reservado a *Barca da Glória* para as autoridades civis e eclesiásticas, refletindo o privilégio da posição social destas. Mas podemos analisar a partir de outra perspectiva – a teológica: se o auto deseja romper com tese meritocrática da salvação, nada mais conveniente que representar no auto as grandes autoridades do mundo, para que o argumento ganhe mais força. As personagens, muito embora poderosas, não se salvam em razão de sua autoridade, nem de seus atos, elas são salvas no último instante do auto, pela graça do Cristo ressuscitado.

A lógica de Jó acerca do sofrimento – isto é, que o sofrimento não é necessariamente uma retribuição dos nossos atos – serve também para a salvação: a glória eterna não é uma conquista dos nossos atos. O Livro de Jó, porque ainda em contexto veterotestamentário, só pôde afirmar sobre o sofrimento e antever a salvação: “O meu redentor está vivo e eu o verei” (Jó 19: 25). Mas a *Barca da Glória*, porque já está na Lei da Graça, para usar uma expressão vicentina, pôde representar a salvação mediante a fé e não pelo mérito dos atos.

Dessa forma, o auto expurga por completo a ideia de salvação como uma obra humana, adotando a crença de que a salvação provém de Deus e não de nossas obras. Isso fica muito claro no diálogo entre Diabo e Conde, quando Diabo diz que este irá para o inferno e Conde refuta dizendo que não irá para lá:

Conde: Grande es Dios.

Diabo: A eso os aténé vos

guzando ufano la vida

con vicios de dos en dos

sin haber miedo de Dios

ni temor de la partida.

Conde: Tengo muy firme esperanza

y tuve dende la cuna

y fe sin tener mudanza. (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 93-101)

O Diabo argumenta com a acusação de que Conde aproveitou a vida “com vícios de dos en dos/ sin haber miedo de Dios”. Ou seja, que as obras de Conde não são compatíveis com a salvação. Mas Conde desvia dessa lógica quando contra-argumenta que tem “muy firme esperanza” e “fe sin tener mudanza”. Desloca, portanto, o foco das obras para a fé.

⁸ Doutrina da retribuição: segundo essa doutrina, Deus retribui o mal com o mal e o bem com o bem.

A impotência humana para garantir a salvação também fica evidente na oração feita pelo Imperador:

Quis mihi hoc tribuat
ut in inferno protegas me
con mi flaca humanidad
de tu ira y gravedad
adónde m'esconderé?
Oh señor
pase breve tu terror
a mis culpas da pasada
vocabis me pecador
responderte he con dolor
de mi ánima turbada. (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 384-394)

Os versos correspondem a Jó 14: 13 e 15, presente no Ofício dos Defuntos, como já dissemos. Com essas palavras, o Imperador demonstra consciência de sua “flaca humanidade”, por isso pede que “passe breve tu terror a mis culpas passada”. Ele sabe que tem necessidade de Deus para alcançar a salvação. Suas obras não podem garanti-la, só a Graça de Deus. O Bispo também manifesta consciência de dependência da ação redentora de Deus:

Bispo: Responde mihi cuántas son
mis maldades y pecados
veremos si tu pasión
bastará a mi redención
aunque mil veces dobrados. (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 483-487)

Prestemos atenção que o Bispo refere a paixão de Cristo como fundamento da salvação: “veremos si tu pasión/ bastará a mi redención”. Não é às obras próprias que ele recorre, sobretudo porque ele sabe que suas “maldades y pecados” são “mil veces dobrados”. A personagem não tem ações justas com que pagar sua salvação, por isso ela não pode se valer disso, mas sim da paixão de Cristo.

Parece-nos que o mistério de que mais as personagens fazem uso como objeto de sua fé é a paixão de Cristo, isto é, seu sofrimento e morte na cruz, como fonte de redenção para a humanidade. Isso também não é gratuito: para a teologia cristã, a salvação nos foi dada através do sacrifício de Jesus. Então, Gil Vicente utiliza esse conteúdo da fé para reforçar seu propósito de representar a salvação mediante a fé. O Conde refere os méritos da crucificação de Cristo, quando suplica aos Anjos:

Conde: Ayudadme remadores
De las altas hierarquías
favoreced mis temores
pues sabéis cuantos dolores
por mí sufrió el mesías.
Sabed cierto
como fue preso en el huerto
y escopida su hermosura
y dende allí fue medio muerto
llevado muy sin concierto
al juicio sin ventura.
(VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 121-131)

Vejamos que o argumento de Conde aos Anjos é que o sacrifício de Jesus na cruz para salvá-lo não pode ser em vão, por isso ele não pode ser condenado. O Duque segue uma lógica semelhante, só que englobando não apenas a redenção, mas também a criação.

Duque: Ruégote que no escaeza
Quod sicut lutum me heciste
no permitas que perezca
y si quieres que padezca
para qué me redemiste? (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 192-196)

O Duque não se dirige aos Anjos, mas ao próprio Deus, para que o não deixe perecer, já que o criou do barro (“quod sicut lutum me heciste”). E questiona que, se Deus quer que ele pereça, então para que o redimiu, isto é, por que o sacrifício de Jesus Cristo numa cruz? Esse mesmo duplo argumento da criação/redenção aparece na fala do Bispo, que não compreende como Deus pode condenar alguém feito a sua imagem e semelhança e a quem remiu: “Pues me heciste/ cur faciem tuam ascondiste/ y niegas tu piedad/ al ánima que redemiste?” (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 488-491)

Noutro lugar, o Duque evoca uma das cinco chagas de Cristo na cruz, a chaga do peito:

Duque: Oh llaga d’aquel costado
do la pasión dolorosa
de mi Dios crucificado
redemió al desterrado
de su patria gloriosa.
(VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 208-212)

E novamente torna a questionar se foi em vão o sacrifício de Jesus:

Duque: En vano hubo dolores
Cristo por los pecadores?
Muy imposible será.

Pues es cierto que por nos
fue llevado ante Pilato
y acusado siendo Dios
señores no penséis vos
que le custamos barato.
Y azotado
su cuerpo tan delicado
sólo de virgen nacido
sin padre humano engendrado
y después fue coronado
de su corona herido. (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 227-240)

O Rei igualmente se remete à paixão de Jesus:

Rei: Buen Jesús que apareciste
todo en sangre bañado
y a Pilato oíste
mostrándote al pueblo triste
eis el hombre castigado.
Y reclamaron
y con la cruz te cargaron
por todos los pecadores

pues por nos te flagellaron
y a la muerte te allegaron
esfuerza nuestros temores. (VICENTE, *Barca da Glória*, versos 318-328)

E pelo mesmo caminho de fé segue o Emperador, demonstrando piedade pelas duas chagas das mãos e duas chagas dos pés de Jesus crucificado:

Emperador: Angélico resplendor
consírad nuestros dolores.

Adóro os llagas preciosas
remos del mar más profundo
oh insignias piadosas
de las manos gloriosas
las que pintaron el mundo.
Y otras dos
de los pies remos por nos
de la parte de la tierra
esos remos vos dio Dios
para que nos libréis vos
y paséis de tanta guerra. (VICENTE, *Barca da Glória*, versos 415-427)

É do Emperador também uma das frases que sintetizam a visão teológica do auto: “La pasión me librá/ de tu infernal cadena” (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, 437-438). O que livra o ser humano da perdição definitivamente não é nenhum ato humano, mas sim a ação do próprio Deus, que permitiu ao seu Filho sofrer a paixão e morte na cruz, para o perdão de nossos pecados. É a fé nessa obra de Deus que garante portas abertas à glória. Ainda nesse campo de compreensão teológica, o Cardeal apresenta uma metáfora na qual os Anjos são os “remadores verdadeiros”, “llagas, remos” “y a piedad la vela” (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, 688-692). Essa imagem é coroada quando, ao final, o Cristo da ressurreição “reparte os remos das chagas” entre os mortos que suplicavam sua clemência redentora.

Glória apresenta duas coisas distintas daquelas que podemos depreender de *Inferno*. Primeiro, percebemos em *Inferno* que Gil Vicente se coloca contra a oração feita em favor dos mortos, como meio de salvação destes – ou, ao menos, considerando o riso do Diabo perante o Fidalgo, tal oração parece pouco para a salvação. *Glória* permite que vejamos o olhar de Gil Vicente acerca da eficácia da oração dos mortos feita por eles próprios. O Diabo aqui e ali expressa não ter eficácia tal oração: “Ralear / que os tengo de llevar / a los tormentos que vistes./ Por demás os es rezar / que lo mío me han de dar / y vos mismo a mí os distes” (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 202-207); os Anjos também parecem expressar o mesmo: “Vuestas preces y clamores/ amigos no son oídas/ pésanos tales señores/ iren a aquellos ardores/ ánimas tan escogidas” (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 802-806)⁹. Mas como diz Ernestina Carrilho, “o juízo encontra-se suspenso, quando os altos estados do mundo se ajoelham em oração colectiva, esperando a graça divina” (CARRILHO, 1993, p. 31).

A segunda distinção de compreensão apresentada em *Glória* é a concepção de salvação mediante a Graça divina. “Depois de *Barca do Inferno* e de *Purgatório*, em que não há salvação imerecida, o desfecho de *Glória* articula-se com o momento religioso da representação,

⁹ Algumas vezes, são os próprios Anjos que recomendam a oração: “plega a Jesús salvador/ que t’envíe piedad”. (VICENTE, *Auto da Barca da Glória*, versos 789-790).

agradando certamente a quem assistiu” (CARRILHO, 1993, p. 33). Em *Glória* não está em discussão se você cumpriu ou não determinados requisitos que lhe torne habilitado ou não à salvação. A salvação é dom do Cristo, o redentor. Essa concepção está posta na *Carta aos Romanos* e vinha recebendo um grande acento na Europa de então, graças a Lutero. A citação bíblica extraída da *Carta aos Romanos* expressa de modo claro esse pensamento: “Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores. E já que agora estamos justificados por seu sangue, com muito maior razão sere-mos salvos da cólera [de Deus]” (Rm 5: 8-9). Fica explícito aí que a justificação/salvação advém do sacrifício de Cristo.

Considerações finais

Pudemos perceber, pelo dito acima, o quanto a oração é um tema importante no *Auto da Barca da Glória*, já que ela é a resposta das oito personagens à condenação recebida. Na verdade, não só em *Glória*, como também em *Inferno*, que possui três personagens relacionadas ao tema em questão.

Dada a distinção de tratamento dispensado ao tema em cada auto, parece-nos que podemos postular que houve uma modificação radical no ponto de vista de Gil Vicente acerca do tema entre 1517 e 1519. Em *Inferno* (1517), o dramaturgo adota uma postura que veio a triunfar no catolicismo romano, sustentando a necessidade das obras à salvação; ao passo que em *Glória* adota uma postura teológica que, mais tarde, foi restringida à Lutero e aos adeptos de sua teologia, sustentando o protagonismo de Deus na salvação humana, através do sacrifício de Jesus, dando ênfase à fé nesse mistério.

Em estudos futuros, através da análise de peças posteriores à *Glória*, nas quais a oração se constitua um tema relevante, poderemos verificar se o posicionamento teológico de Gil Vicente realmente se consolidou nessa perspectiva ou se o enfoque teológico assumido em *Glória* se tratou apenas de uma escolha mais apropriada à verossimilhança contextual do auto.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral-catequética. São Paulo: Ave-Maria, 2000.
- As obras de Gil Vicente*. Dir. científica de José Camões. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, vol. V, 2002.
- CARRILHO, Ernestina. *Glória*. Lisboa: Quimera, 1993.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete e CURY, Maria Zilda. *Intertextualidades: Teoria e Prática*. São Paulo: Formato/Saraiva, 2005.
- TEYSSIER, Paul. *A língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2005.
- VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. Disponível em: <http://www.cet-e-quinhetos.com/autores>. Acesso: 30set. 2018.
- VICENTE, Gil. *Auto do Purgatório (Segunda Barca)*. Disponível em: <http://www.cet-e-quinhetos.com/autores>. Acesso: 30 set. 2018.
- VICENTE, Gil. *Auto da Barca da Glória*. Disponível em: <http://www.cet-e-quinhetos.com/autores>. Acesso: 30set. 2018.